

## **O SENTIDO DO TRABALHO DAS ARTESÃS DE UMA COOPERATIVA POPULAR, UM ESTUDO DE CASO NA COOPA-ROCA**

**Aluno: Rafael Caldas Ferreira da Silva**  
**Orientador: Sandra Regina da Rocha Pinto**

### **Introdução**

O caos social no qual se encontra o mundo contemporâneo é consequência do sistema de metabolismo da sociedade que submete o trabalho aos interesses de auto-reprodução do capital [1]. A alta competitividade estendeu-se ao mercado de trabalho, impondo aos indivíduos uma nova exigência, a empregabilidade. Um dos resultados mais visíveis dessa nova ordem é a forte exclusão social. Em resposta a esse quadro, formas alternativas de organização do trabalho têm sido desenvolvidas. O presente ensaio tem como objeto de estudo uma cooperativa de artesãs da Rocinha, a Coopa-Roca, e busca, através de sua análise institucional, responder a seguinte questão: organizando-se em uma cooperativa popular de trabalho, essas mulheres, de fato, rompem com a lógica do capital, e subvertem o sentido atual do trabalho, trazendo à tona seu verdadeiro caráter de centralidade do ser social?

### **Base Teórica**

Antunes (2005), em seu ensaio, resgata a centralidade do trabalho do ser social de Luckács, para o qual o trabalho é um fator de transição do indivíduo, que passa do ser puramente biológico ao ser social. O trabalho é o elemento mediador entre a esfera da necessidade individual e da realização social. O autor revela também que as alternativas que emergiram para solucionar a crise estrutural do capital trouxeram o modelo de acumulação flexível e um novo perfil de trabalhador (qualificado, participativo e multifuncional) renovando a relação capital-trabalho. Na verdade, essa nova relação trazia outras formas de intensificação do trabalho, que reduziram o contingente necessário de trabalhadores. Os resultados mais críticos foram a precarização do trabalho e o desemprego estrutural.

A grande parcela da população socialmente excluída, em resposta à crise, através de suas próprias forças e recursos, busca alternativas de trabalho na sociedade do capital [2; 3]. Nesse esforço surge a chamada Economia Solidária, formada por organizações sociais de trabalho caracterizadas por iniciativas associativas que possuem a solidariedade como princípio básico [3], da qual o cooperativismo é uma das formas de expressão. Culti (2002) assevera que o cooperativismo é um sistema mais adequado, participativo, democrático e justo para atender as necessidades e interesses dos trabalhadores no qual o excedente do capital assume o sentido de lucro social. As cooperativas de trabalho são entidades coletivas, sem fins lucrativos, cujas práticas organizacionais estão pautadas nos seguintes princípios: participação, gestão democrática e estrutura horizontal [4].

### **Metodologia**

Definida a pergunta que nortearia o presente ensaio, procedeu-se a revisão bibliográfica que daria respaldo teórico, e em seguida pôde-se iniciar a pesquisa de campo que consistiu em um estudo de caso de natureza descritivo-qualitativa. Caracterizando-se como etnográfica, diversas imersões foram realizadas no campo por parte dos pesquisadores, a fim de se ambientar com as rotinas da organização objeto de estudo. Os dados foram coletados por meio de observação direta e entrevistas semi-estruturadas.

Após identificadas as pessoas-chave na organização, buscou-se revelar as diferentes formas como a cooperativa era percebida por seus integrantes. As diversas visitas resultaram

em 13 entrevistas gravadas que tiveram seu conteúdo integralmente transcrito a fim de se prosseguir uma análise do discurso mais aprofundada. Dessa forma, os dados coletados puderam ser cruzados com a base teórica levantada na persecução dos objetivos propostos.

### Situação em estudo

A Coopa-Roca, Cooperativa de Trabalho Artesanal e de Costura da Rocinha Ltda., tem por missão gerar condições para que suas cooperadas, mulheres moradoras da Rocinha, trabalhem em suas residências e assim ampliem o orçamento familiar sem se afastarem do cuidado de seus filhos e das atividades domésticas.

Do desdobramento de uma oficina de reciclagem com crianças da comunidade, surgiu a idéia de se produzir trabalhos manuais com retalhos por um grupo de mulheres, resgatando técnicas artesanais típicas do interior do Brasil. Posteriormente, esse grupo buscou estruturar-se em uma instituição a fim de criar uma identidade social própria que representasse seus participantes. Atualmente a cooperativa possui 85 artesãs e 4 funcionárias, e conta com importantes parcerias no mercado de *design* de vestuário e acessórios.

A aproximação da cooperativa com o mercado extremamente dinâmico e exigente da moda influenciou seu processo de institucionalização, que atualmente coloca os interesses dos clientes à frente de sua estratégia de atuação.

### Conclusões

Constatou-se que o cooperativismo é um modelo que serviria ao combate à exclusão, consequência do sistema metabólico social do capital. Entretanto, devido às diversas pressões a que é submetida em seu processo de institucionalização, uma cooperativa pode acabar inculcando elementos característicos da lógica do capital, reproduzindo assim o modelo empresarial de gestão.

A Coopa-Roca fere o compromisso com o rompimento da estrutura do capital ao estabelecer que o papel de “dona de casa” deve ser preservado. Como no mercado formal, as mulheres são duplamente exploradas pelo capital, no seu exercício produtivo e no trabalho doméstico que se dá em função da criação das condições indispensáveis para a reprodução da força de trabalho de seus maridos, filhos e de si própria. Teoricamente o trabalho das artesãs deveria basear-se no tempo disponível, todavia, os prazos e volumes de produção ditados pelos clientes exigem tempo de trabalho excedente, meramente para a reprodução do capital. O elemento empregabilidade de certa forma as afeta, já que as tendências do mercado impõem um certo aprimoramento constante como condição para manter-se produtiva.

Partindo dessas constatações pode-se concluir que o espírito artesanal, em seu sentido original, modifica-se quando submetido às pressões de demandas provenientes de uma lógica mercadológica, e que a organização do trabalho em uma cooperativa acaba determinada pelo contexto sócio-econômico no qual a instituição encontra-se inserida. Dessa forma, através do processo de análise ao qual a Coopa-Roca vem sendo submetida, foi revelada uma nova categoria: a *Instrumentalização do Terceiro setor*.

### Referências

- 1- ANTUNES, R. **Os sentidos do Trabalho Ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho**. 7ª reimpressão. São Paulo: Boitempo, 2005 (editado em 1999). 261p.
- 2- CULTI, M. **O cooperativismo popular no Brasil: Importância e Representatividade**. Tercer Congreso Europeo de Latinoamericanistas, Amsterdam, 2002.
- 3- LIMA, A. L. M. C. O Fenômeno da Economia Solidária: Reflexões em um campo de estudo controverso. **Integração** <http://integracao.fgvsp.br/ano9/06/index.htm>, São Paulo, Abr. 2003. Seção Administrando. Disponível em: abr. 2003. Acesso em: mai. 2006.
- 4- JUNQUEIRA L. A. P. , TREZ, A. P. O Capital Social e a Sobrevivência das Cooperativas de Trabalho. In: **Anais Enanpad 2004**, CD-ROM.